

MARIO, GILBERTO E OTÁVIO

Edilberto Coutinho

O médico e o escritor são as duas metades bem resolvidas de sua personalidade: Otávio de Freitas Júnior ocupa com igual competência os espaços da ciência médica e do ensaísmo literário. Que nele se prolonga, desde o primeiro livro — publicado quando ainda adolescente — em crítica de idéias¹.

Nas lições de Mário de Andrade² e de Gilberto Freyre o moço Otávio aprende a fugir das camisas-de-força em que os preceptistas mais empedernidamente rígidos e intolerantes querem espalhar as disciplinas. Na coletânea de artigos que deixou para publicar com Arquimedes de Melo Neto — contendo prefácio do companheiro de geração Antônio Cândido — estão contidos textos bem representativos do escritor-médico. Ou médico-escritor, se quisermos³. Em curta trajetória de vida, 61 anos apenas, combina Otávio a devoção à literatura e à medicina, sempre com incursões ao social. Inclusive participação política das mais ativas, em várias ocasiões. Salienta Antônio Cândido que “conservou e até desenvolveu uma qualidade que vem dos seus primeiros tempos de escritor: a coragem mental⁴”. O que lhe vale não pequenos problemas. Tanto na ditadura de Getúlio como no Brasil pós-1964.

Coragem e seriedade. Registra Sergio Milliet em texto de 1946 que é também o caso do próprio Cândido. Pertencem ambos, Otávio e Antônio Cândido, a “essa novíssima geração à qual se tem censurado (sinal dos tempos?) um excesso de seriedade”.

Prossigue Sergio Milliet, nesta nota do seu *Diário Crítico*, lembrando que por essa postura tão séria o grupo não escapou ao sarcasmo de Oswald de Andrade. Foi o que levou Oswald a “dar aos moços o apelido engraçado e injusto de *chato-boys*”, e Luís Martins a “estigmatizá-los pela sua carência de lirismo”.

Sugere Sergio Milliet em seguida, “deve ser Antônio Cândido o mais moço dos nossos críticos militantes. A não ser que essa glória caiba ao Otávio de Freitas Júnior em Pernambuco ou a algum daqueles *meninos* de Minas a que se refere Mário de Andrade⁵...”

A glória, referida, cabe a Otávio.

Conhece Mário de Andrade

Em 1939 — estudante de Medicina no Recife e filho de médico célebre⁶ — Otávio de Freitas Júnior está no Rio em consulta médica. O dr. David Sanson se responsabiliza, no hospital Gaffrée Guinle, pela pequena cirurgia a que se submete, uma defenestração de ouvido.

Queria ouvir melhor os sons da vida de que tão gulosamente vai se empanturrar⁷.

Otávio vai procurar Mário de Andrade no Instituto Nacional do Livro, à época dirigido por Augusto Méier. Logo se estabelece entre os dois uma forte camaradagem. De que Mário faz praça com prazer no prefácio ao livro de Otávio publicado quatro anos depois pela LECEB (Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil), criada no Rio de Janeiro por Anna Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça e dirigida com rigor seletivo por Arquimedes de Melo Neto.

O livro de estréia, em 1941, tivera apresentação de Gilberto Freyre. O novo é dedicado a ambos, Mário e Gilberto. E mais, a Otto Maria Carpeaux. É sobre Carpeaux um dos *Ensaio do nosso tempo*, saudando *A cinza do purgatório*. Otávio de Freitas Júnior fala nesse ensaio, pioneiro, de poetas, para os quais chama a atenção de Carpeaux, então pouco, digamos, badalados: Carlos Drummond de Andrade, que só iria *estourar* nacionalmente em 1945, com *A rosa do povo*, e João Cabral de Melo Neto, este ainda mais completamente desconhecido do chamado grande público. Bem à maneira de um Mário de Andrade, ou de um Gilberto Freyre, Otávio de Freitas Júnior se mostra nada convencional e nada comprometido com o mundo dos literatos bem-pensantes. Ousa. Se antecipa. Comenta nomes não consagrados com exemplar poder poético de empatia. A parte final do *Ensaio do nosso tempo* é dedicada a Deolindo Tavares, “Um poeta morreu”. Destaca especialmente os poemas do *Ciclo Willy Monpou*. Deolindo deixara o Recife

desgostoso com o ambiente da Faculdade de Direito. Colegas o discriminam. "Veado", vaiam. Está sempre só, isolado. Veste-se todo de preto. Foge, afinal. Vai ao encontro do poeta Jorge de Lima no Rio de Janeiro. Jorge lhe prometera um emprego. Conta Otávio: "Deolindo ia num *bateau ivre*. Apenas se demorou poucas horas no Rio. Seguiu adiante, muito adiante, para sempre adiante. Morreu. Foi para o túmulo, e para os ciprestes do cemitério de São João Batista. O poeta amava os ciprestes". Otávio termina o *lamento* pelo amigo pedindo, quase exigindo a publicação dos poemas de Deolindo Tavares. Assim "outros poetas o amarão e o seu nome não mergulhará no sem-fim do esquecimento⁸".

Mário de Andrade intitula de "Novo momento pernambucano" ao prefácio em que destaca, nos ensaios de Otávio de Freitas Júnior, "uma esperança humana a cumprir". No autor elogia Mário "um dos exemplos muito belos de mocidade dentre os da nova geração". Mário se revela especialmente sensível à maneira como Otávio rememora Deolindo, o colega de poesia e vida.

E o vê com generosidade "se agarrando aos pedaços ficados do poeta que morreu, para jurá-lo grande no futuro que não existirá". Exalta o livro como "exemplo de insatisfação e inconformidade". Otávio é um moço que participa do *problema humano*, não se aproveita da mocidade para "se isentar de seus deveres com o mundo, se ensimesmando em seus dramas pessoais". Um moço que procura defender sua dignidade contra "todas as gestapos francas ou disfarçadas". Defendê-la "das filosofias contemplativas ou duvidadeiras, dos governos". Sabemos, à mesma época, Mário de Andrade está advertindo a Fernando Sabino sobre a necessidade para os jovens de se dedicarem a uma *obra de combate* (contra o nazi-fascismo, contra o Estado Novo getulista): "Nem você, nem nenhum artista, poderá *nem que queira não participar*".

Carta de 22-IX-1943, diz adiante: "Você pode não participar da vida, mas a sua obra, si⁹ não for elemento do *seu* combate (o que é nobre), será elemento pro combate dos outros. O que é pelo menos um aviltamento, uma avacalhação do seu destino de artista. Disto, meu Fernando, você não poderá fugir". E, mais contundente, arremata o implacável Mário: "Ora, si pra minha amizade e pra condescendência de alguns e provavelmente de certa crítica, o seu livro funcionará em relação a você e será saudado, nada jamais não impedirá nunca que como obra-de-arte o seu livro seja uma obra vendida aos interesses da chefia, uma

obra de função odiosamente capitalista, escravocrata e, meu Deus, até nazista”.

Regougam em gemidos

No prefácio ao livro de Otávio, Mário (p. 17) dá puxão de orelhas em seus *meninos* de Belo Horizonte: “Nas Minas Gerais, os rapazes regougam em gemidos de desânimo e insatisfação”. Em sua primeira carta a Fernando Sabino (São Paulo, 10-I-1942), já questionava: “E não lhe será possível botar um pouco mais de *responsabilidade* humana coletiva nas suas obras?...” (Nesta citação, como nas demais de Mário de Andrade, os grifos são dele.)

Mário cobra dos jovens escritores da época que deixem de lado uma certa malícia, um certo jeito malandro de ser (Macunaíma em crise de arrependimento?) e tomem tento da questão social. Ainda do prefácio ao livro *Ensaio do nosso tempo* (p. 19): “Felizmente Otávio de Freitas Júnior é o antimalandro, pois embora pareça inconcebível e envergonhe, houve tempo e ainda tem gente, neste país, que se gaba da malandrice do espírito. Mas Otávio é o antimalandro. Eu sou amigo dele, o admiro e respeito”.

Voltemos à carta de 22-IX-1943 a Fernando Sabino. Mário de Andrade coloca o prefácio aos *Ensaio* de Otávio ao lado de outros dos seus textos fundamentais da época em que é mais aguda a manifestação de sua consciência política. Sua participação contra a tal ditadura malandra do Estado Novo de Getúlio Vargas em namoro aberto com o nazi-fascismo da dobradinha Hitler-Mussolini. Mário defende o intelectual que “busca participar do amilhoramento político-social da humanidade”, que não é “coisa de sermos apenas conscientemente bestas”. Porque, explica, “positivamente não se trata de ser besta, nem é besta um Carlos Drummond de Andrade escrevendo os poemas que está fazendo agora, nem posso me qualificar de besta nessa seriação de páginas sofridas que estão em ‘Cultura Musical’, na ‘Elegia de Abril’, no ‘Movimento Modernista’, na ‘Atualidade de Chopin’, nas crônicas musicais de agora e enfim no prefácio do Otávio”.

Dignidade e verdade

Mário vê dignidade e verdade nos textos reunidos por Otávio de Freitas Júnior que prefacia. O jovem autor dos *Ensaio do nosso tempo* visa a uma humanização das artes que não estará “no artista falsamente chamado *social* e no maquiavelismo

político". Esta parte do depoimento de Otávio bate bem com as advertências feitas por Mário de Andrade em torno à *ditadura malandra* ao jeito de Getúlio. São muitos à época os que, acobertados pela cultura, cooptam a ditadura. Aconteceu no Estado Novo. Voltaria a acontecer a partir de 1964. Em suas palavras na *Plataforma*, Otávio fala de uma *humanidade* futura. De um futuro humanitarismo. É a situação para a qual propõe uma poética e uma política. Desafio que o anima, que o fascina. No Brasil pós-64 mais uma vez combate, na ditadura sob a máscara da cultura, a atitude de muitos intelectuais à sua volta. Em plena Cinelândia do Rio de Janeiro cospe na mão estendida de um deles. Um dedo duro. Ecos do jovem rebelde de 20,21 anos antes.

Parece-nos que ao denominar de "novo momento"¹⁰ pernambucano ao prefácio a Otávio teve Mário de Andrade um objetivo bem claro. Remete assim à tradição de bravura pernambucana que vem das revoluções libertárias de 1817, de 1824, de 1849. E até de mais longe: da luta contra os holandeses, no fundamento do *veio rubro* (aqui retomando uma expressão de Evaldo Cabral) da nacionalidade, implantada no Século XVII no Recife.

Para Mário, o livro de Otávio se constitui de textos "mais que bons", porque "são verdadeiros". O prefaciador vê estes estudos do jovem autor como "conquistas da inteligência".

Acentua que "ele descobre, meio estonteado ao pampeiro das promessas antagonônicas, que os Estados Unidos têm uma promessa a cumprir". Logo, a boca do moço "quase toma o jeito antigo de sugar, para ainda, agoniadamente, chamar a França de mãe". O entusiasmo de Mário de Andrade é completo ao citar a frase para ele "talvez mais verdadeira, mais punida do livro". Quando Otávio, definitivo, radical, escreve: "A ética fascista é tremendamente antimoral. Ela é contra o povo".

"O que há de mais secretamente nobre em Otávio de Freitas Júnior é, dentre as faculdades do moço, a escolha firme que ele fez das qualidades da desistência, mais trágicas e mais difíceis", destaca o prefaciador. *Ensaio do nosso tempo* vale, para Mário, como "um exemplo bem típico de insatisfação e inconformidade". Tem Otávio de Freitas Júnior "a altivez de não se entrincheirar atrás de sua mocidade, para ao menos aproveitar um bocadinho este fim de civilização gozada que está se acabando". Otávio é um moço que "não se contenta de sua mocidade". É mais importante, "nem se utiliza dela pra ser imoral, contemplativo, malandro ou simplesmente sujo".

Vamos lembrar: nos dois primeiros capítulos do *Ensaio do nosso tempo*, Otávio de Freitas Júnior analisa situações ético-estéticas e ideológicas do mundo em face dos livros de Julien Green, Otto Maria Carpeaux, Pierre van Paassen, Jacques Maritain, Julien Benda e Georges Duhamel¹¹. Chega a esta súpula: "Passam os tiranos, os subtiranos, os tiranetes, os subtiranetes, mas os homens de espírito ficam sobre o Tempo". No terceiro capítulo mostra em casa mesmo, na sua cidade, a figura do poeta Deolindo sendo o alvo dos sub-sub tiranetes da Faculdade de Direito do Recife.

Sangue dos moços

"E o sangue dos moços levantou o Brasil contra a ditadura". Este o título o seu tanto rebarbativo que o editor da página — *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1984, *Livros* — deu a nosso artigo sobre *A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência antiVargas: 1938-1945*, de John W. F. Dulles (Editora Nova Fronteira, tradução de Wanda Mena Barreto de Andrade). Pesquisa minuciosa, idônea, conclusões discutíveis, dizemos em nossa resenha. W. F. Dulles faz por vezes generalizações e/ou *particularizações* a que somos reticentes.

Dulles alude a conversa de Getúlio Vargas com Ademar de Barros, interventor paulista durante a ditadura do Estado Novo, em que é facilmente encontrada solução para um grupo de professores considerados rebeldes. Getúlio determina, firme, que cinco deles, dos "mais adversos ao regime", sejam demitidos de acordo com uma emenda à Constituição de 1937. Muito fácil. Ao Governo, lembra a Ademar, é permitido demitir civis e militares no interesse do serviço público ou por conveniência do regime. Vê o *Brazilianist* Dulles a Faculdade de Direito de São Paulo como "o reduto democrático que mais perturbou a ditadura getulista". Sabemos que a voz da resistência cultural se ergueu em épocas e lugares diferentes em todo o período do Estado Novo. Omite John W. F. Dulles o contraponto nordestino, com a resistência instaurada na Faculdade de Direito do Recife através das lideranças democráticas de professores e intelectuais como Gilberto Freyre, Aníbal Fernandes e Paulo Cavalcanti, tão influenciadores da postura de estudantes, entre os mais participantes Otávio, Odilon Ribeiro Coutinho e Demócrito de Sousa Filho (assassinado pela polícia política num palanque onde estava ao lado de Gilberto Freyre). Mário de Andrade, que tanto repudiou o poder ditatorial, morreria meses antes de encerrado o célebre *curto período de 15 anos* em que Getúlio

Vargas tinha o Brasil no bolso. Intelectuais como Jorge Amado e Antônio Cândido, em depoimentos sobre aqueles tempos, lembram a oposição de Gilberto Freyre ao regime, sua atitude forte e decisiva no Recife.

Jorge Amado, em capítulo de seu *Navegação de cabotagem* (1992)¹², recorda: “Na cena política coincidimos e divergimos, jamais as divergências resultaram em desestima, levaram ao afastamento. Quando o Estado Novo o agrediu de forma estulta, sujou de infâmia os muros de Apipucos, Anísio Teixeira, Odorico Tavares e eu fizemos Gilberto vir à Bahia para receber a solidariedade dos intelectuais da terra, reunidos em torno ao pernambucano para denunciar o terrorismo da ditadura”. Apipucos, todos sabem, o bairro que Gilberto Freyre tornou célebre na geografia literária. Nos anos da ditadura do Estado Novo, frequentar a casa de Apipucos (atual Fundação Gilberto Freyre, atração do turismo cultural no Recife), era considerado ato subversivo pelo delegado Edson Moury Fernandes, da Ordem Política e Social, conforme lembram Arquimedes de Melo Neto, Odilon Ribeiro Coutinho e Paulo Cavalcanti. (E Otávio de Freitas Júnior lembrava.)

Passemos a Antônio Cândido. Em artigo para *O Estado de São Paulo* (1987), logo ao saber da morte de Gilberto Freyre — e texto reproduzido em livro saído em 1993¹³ — se fixa no intelectual que para sua geração (que é a de Otávio, sabemos) só poderia ser comparado em importância a Mário de Andrade. As palavras de Cândido poderiam sem tirar uma vírgula ser assinadas por Otávio de Freitas Júnior (que já partira há seis anos, em 1987): “O Gilberto Freyre que desejo lembrar no momento de sua morte é o que vai de 1933, publicação de *Casa-Grande & Senzala*, até 1945, quando foi eleito pela Esquerda Democrática deputado à Assembléia Nacional Constituinte. Esse foi o Gilberto da nossa mocidade, cujo grande livro sacudiu uma geração inteira, provocando nela um deslumbramento como deve ter havido poucos na história mental do Brasil”. E adiante: “Esse Gilberto se empenhou com rara coragem na luta contra a ditadura, enfrentando sob os mais graves riscos o interventor de Pernambuco Agamenon Magalhães, que o mandou prender junto com seu pai, o professor Alfredo Freyre, moveu contra ele uma campanha de difamação e procurou tornar impossível a sua vida no Recife. Mas Gilberto resistiu, unido a tantos democratas daquele velho reduto sempre disposto a lutar pelas melhores causas”. Cândido lembra como foi essa resistência à perseguição torpe do governo e “à mobilização assanhada dos reacionários locais, um de cujos apoios eram padres da Com-

panhia de Jesus, então muito retrógrados e tacanhos. E estava ao lado de Demócrito de Sousa Filho no comício em que este caiu morto por uma bala que talvez se destinasse ao grande sociólogo inconformado...”

O que exalta Antônio Cândido enfaticamente em seu texto intitulado “Aquele Gilberto” é o engajamento político do lado certo na hora perigosa. Radical nos Mários, nos Gilbertos e nos Otávios do momento difícil. Otávio torna explícita a posição radicalmente contrária ao nazi-fascismo internacional sob suas diversas formas, ao quintacolonismo, ao integralismo, fascismo caboclo dos ditos *galinhas verdes* de Plínio Salgado. Está em praticamente todas as páginas dos *Ensaios do nosso tempo*. O autor se volta, entusiástico, para o pensamento de um intelectual como Julien Benda. (De quem *La trahison des clercs* é leitura que a todos Mário de Andrade recomenda como indispensável.)

Tensão viril

Em seu prefácio para o anunciado *Medicina e Vida*, o volume póstumo de Otávio de Freitas Júnior^{4,11}, Antônio Cândido retoma o clima da época em que se conheceram, oficiais do mesmo ofício. Combatentes da mesma causa.

O texto foi escrito em 1979, ou seja, dois anos antes de Otávio partir, consumido pelo câncer de pulmão. “Ainda lembro bem”, escreve Antônio Cândido, “o interesse e a admiração que me causaram os dois primeiros livros de Otávio de Freitas Júnior nos anos de 1940. Um, de estudos sobre a nossa poesia contemporânea; outro, onde sobressaíam preocupações que podem ser qualificadas de humanistas, cujo significado Mário de Andrade assinalou no prefácio”.

Lembra Cândido, Otávio de Freitas Júnior, nos *Ensaios do nosso tempo*, se volta para os dramas e lutas do homem em sociedade. E manifesta “uma forte posição antifascista (estávamos no tempo do Estado Novo)”. Debate “com tensão viril o papel do intelectual, procurando com nobreza aliar o respeito pela independência espiritual ao rigor do *serviço coletivo*”.

Nos novos textos reunidos por Otávio, vê o amigo Antônio Cândido certas constantes. O mesmo intelectual empenhado em analisar a realidade social e humana com a intenção às vezes quase impaciente de retificá-la, de atuar sobre ela. E escreve: “O médico especialista desliza do nível técnico para o nível social e político, o que faz da leitura deste livro algo muito enriquecedor”.

O autor é, nos novos textos, o mestre de Psicologia e o psiquiatra. Não mais, o crítico de poesia. Mas o mesmo Otávio. Preocupado com o seu país e o seu tempo. Generosamente ativo em seus impulsos de solidariedade. Em seu humanismo totalizante.

Antônio Cândido lembra o companheiro dos anos 1940 “que transitava da literatura para o engajamento, com uma paixão política que o levou à militância. Outro dia encontrei um velho telegrama de 1945 em que ele e mais alguns amigos pernambucanos encareciam a necessidade de Paulo Emílio Sales Gomes e eu comparemos a um comício no Recife, no quadro da luta que se travou naquela altura pela redemocratização. Entre os signatários estava Demócrito de Sousa Filho. Seria o comício em que foi morto à bala?”

O jovem Otávio dos anos 40 se volta para a França em seus anseios de liberdade. Num dos *Ensaio do nosso tempo*, “A voz de Benda”, fala com entusiasmo da “França de homens como Marcel Proust, Bernanos, Bergson, Romain Rolland, Gide, Jacques Maritain, Barbusse, Julien Benda e outros que pelo espírito renovaram o sopro vital da terra de Joana d’Arc.” (Papel que no Brasil vinha sendo de um Gilberto Freyre, de um Mário de Andrade, já comprovamos.) Otávio de Freitas Júnior lembra que Benda “escreve sua denúncia antes de o regime nazista se realizar totalmente, e antes dos dias sombrios da Espanha, da Abissínia e da Guerra de 39”. E a conclusão terrível de que “nada desmentiu a Julien Benda: pelo contrário, os fatos afirmam sua doutrina e sua crítica”. (*Ensaio*, p. 80-90.) No depoimento para o *Plataforma da nova geração*, de Mário Neme¹, que é colhido três anos depois da conflagração da II Guerra Mundial, Otávio remete ao humanismo de Benda, quando responde à pergunta 12, penúltima do *inquérito*: “Que se pode dizer da nova geração brasileira em face da guerra?” Diz ele: “Esta guerra é uma catástrofe, como toda guerra, tanto material como espiritual. A nova geração deve procurar superar esta catástrofe com um esforço interior de consciência humana. O partido verdadeiro é o do Homem, onde quer que ele se ache. A vitória sobre o fascismo — em qualquer de suas manifestações locais — histórico na Alemanha, covarde na Itália, traidor na Espanha — é uma necessidade imperiosa da Civilização. Vitória militar não basta, e só é completa pela cultural, pela do espírito”.

Em resposta à pergunta final de Mário Neme, Otávio de Freitas Júnior responde de forma que tornaria mais que nunca evidente sua vinculação aos ensinamentos que são de Mário de Andrade tanto como de Gilberto Freyre: “Uma melhor educação

estética, filosófica e científica de nada vale se não for completada por esforço pessoal de intuição, de análise, de desejo moral, e estou quase acrescentando, de um elemento semelhante àquele que os católicos chamam de *Graça*. A cultura não é consequência somente do estudo livresco e pedagógico; é o resultado de uma série de situações vivenciais, de experiências em vários terrenos da atividade humana, cujo padrão seria impossível determinar. Não é a erudição que conduz à cultura, ao humanismo: meditar que foram os estudantes alemães que queimaram os livros de Freud, Einstein e Thomas Mann...”

Ou seja, Otávio propugna por uma espécie de pedagogia sem pedagogismo pedante, bem à maneira de Mário (professor vocacional indiscutível) nas muitas centenas de cartas, extensão de ensino regular. Verdadeira *cátedra* postal. Ou ao jeito de Gilberto, certamente outro vocacional da mesma vocação — que se autodefine com tanta graça como “professor extraordinário e escritor ordinário¹⁴” — nos 147 prefácios que generosamente escreve entre 1927 e 1976, amorosamente reunidos em volume por Edson Nery da Fonseca¹⁵.

Sonho sonhado

Foi um sonho generoso para o Brasil, para os brasileiros, aquele dos jovens rebeldes dos anos 1940. Um carioca de formação paulista, Antônio Cândido, ao lado de jovens paulistanos da melhor cepa, um Paulo Emílio de Sales Gomes, um paraibano do porte de Odilon Ribeiro, os moços de Pernambuco agitando suas faculdades de Medicina e Direito, um Otávio de Freitas Júnior, um Demócrito de Sousa Filho.

No prefácio a *Medicina e Vida*, de Otávio, Antônio Cândido, passados bons 36 anos — escreve, lembramos, em 1979 — não esquece os então muito retrógrados padres de Santo Inácio. A triste ação policialesca exercida por eles contra os intelectuais democratas do Recife. Otávio de Freitas Júnior não os poupou nos *Ensaio*s prefaciados por Mário de Andrade em 1943. Mas diferencia: a causa de Cristo não é a causa de Roma. Da mesma forma, os jesuítas do Recife, “os padres maus, os padres que são contra a causa do Cristo, que é a causa do povo”, não respondem pela Igreja em sua totalidade. Merecem repulsa “os que auxiliam nas *depurações* na Espanha, os que pactuam com o fascismo...” Contudo, nem estes nem os pernambucanos de batina do mais ostensivo quintacolonismo (dedurismo da época) devem ser considerados representantes legítimos da cristandade: “Porque São Pedro errou, Cristo não desapareceu. É possível

mesmo que isto se tenha dado — o erro de São Pedro — para provar Sua imensa superioridade ao arbítrio humano”. (Citações da página 61 dos *Ensaio do nosso tempo*.)

O antifascismo necessário do momento é tema recorrente dos *Ensaio* do pernambucano afoito: “Já foi dito muitas vezes, por sociólogos apressados, que o fator principal para a implantação do fascismo era o perigo de uma revolução... das *esquadras*.” (Sic: das *esquerdas*, é claro.) Rebate Otávio de Freitas Júnior: “Isto é simplesmente uma burrice, e o já citado Monsieur de la Palisse diria uma de suas verdades incontestáveis, respondendo que o fator principal para a implantação do fascismo é o perigo de uma revolução das direitas. Das direitas que na França combateram contra a revolução de 93, condes de Artois *et cetera*. Ou na Europa”, enumera (p. 73), “organizaram as ligas contra a soberania dos povos: Santas Alianças, por exemplo. Ou que na América combatiam ‘pela ação’ a liberdade dos escravos: a Ku-Klux-Klan”.

Otávio condena, veemente: “A ética fascista é tremendamente antimoral. Ela é contra o povo. O mais constitui apenas uma derivação, uma justificação. O *respeito à tradição*, o racismo, o elogio da força, tudo o mais nada é do que um disfarce, uma máscara. A verdade é somente esta: o nojo ao povo, o espírito de casta e o interesse imediato do domínio”.

É o mesmo bom combate (já vimos) de mestre Mário. E mestre Gilberto Freyre não deixava por menos, na condenação que faz às forças repressoras. Neste aspecto, tem o maior interesse lembrar sua palestra de 1940 sobre a *Atualidade de Euclides da Cunha*¹⁶. De repercussão só comparável à de Mário de Andrade, dois anos depois, revendo o Modernismo de 22, punge *mea culpa* no soprar das 20 velinhas da semana desvaiada dos “alegres rapazes de São Paulo”, como os chamou José Lins do Rego¹⁷.

Que *novidade* tão atual traria Gilberto Freyre em torno ao autor de *Os Sertões*? Gilberto destaca em Euclides da Cunha que “dedicou grande atenção ao problema da terra e do homem do Brasil”, em seguida situa a *atualidade* a que remete o título da conferência e ressalta de forma nova instigante o intelectual que se antecipa na forte condenação ao genocídio. Ou *reduções* que “na América tentaram há três séculos, com povos primitivos” e “agora se tenta na Europa com povos de cultura avançada”. O público de Gilberto Freyre sabe que ele fala dos primeiros habitantes encontrados pelos navegantes espanhóis ou portugueses e judeus então perseguidos pelos novos conquistadores. Que são os nazi-fascistas tão admirados por um Felinto

Müller, chefe do arremedo de Gestapo no Brasil — na ditadura getulista do Estado Novo — e outros poderosos do dia.

É nesse contexto do Brasil dos anos 1940, que Otávio de Freitas Júnior — em meio ao rápido convívio com Mário de Andrade no Rio (seguindo-se a troca de cartas sinistramente sumidas) e o dia-a-dia de cumplicidade intelectual com Gilberto Freyre no Recife¹⁸ — desenvolve sua atividade de crítico literário e de idéias. Gilberto diz do jovem discípulo (seu, como de Mário) que é “um estudioso sócio-cultural” e o situa “sob a influência do critério da história social e cultural¹⁹”. Um moço a lembrar no centenário de Mário de Andrade, do Mário que tanto acreditou na gente moça do Brasil, tanto apostou em Otávio.

Apostou bem.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Ver: FREITAS JÚNIOR, Otávio de. Ensaio de crítica de poesia. Prefácio de Gilberto Freyre. Recife, Publicações Norte, 1941. (Prêmio José Veríssimo, 1942, da Academia Brasileira de Letras.)

Gilberto Freyre, em seu prefácio, se mostra identificado com o jovem autor — Otávio nasceu no Recife em 11 de junho de 1920 e faleceu no Rio em 14 de fevereiro de 1981 — por figurarem ambos entre os que pensam não haver, nas palavras de Gilberto, “fronteiras rígidas entre a região da Poesia e a região da Ciência”. A seu turno, escreve Otávio de Freitas Júnior em resposta a questionário célebre de Mário Neme: “Gilberto Freyre tornou-se um exemplo do espírito de pesquisa que transcende a própria importância científica de sua obra ao mesmo tempo de Ciência e de Poesia”. (Interdisciplinaridade característica também da obra de Otávio.) Ver: NEME, Mário. Otávio de Freitas Júnior. In: —. Plataforma da nova geração. Porto Alegre, Globo, 1945. p. 65-63. (Observação necessária: depoimento tomado em 1942. São inseridos no volume depoimentos de 23 autores publicados em O Estado de São Paulo de meados de 1943 a princípios de 44, conforme esclarece Mário Neme em apresentação. Entre os depoentes, além de Otávio, figuram Antônio Cândido, Rubem Braga, Miroel Silveira, Lourival Gomes Machado, Lauro Escorel, Alphonsus de Guimaraens Filho, Paulo Emílio Sales Gomes e Tito Batini.)

2. Mário de Andrade e Gilberto Freyre são os autores brasileiros que destaca como os mais importantes em sua for-

mação. Cita-os, entusiástico, no depoimento a Mário Neme, referido. A geração anterior à sua tem Mário e Gilberto como expoentes maiores. E possibilitou, lembra Otávio, "novos rumos ao pensamento brasileiro, impondo 'a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional', como diz Mário de Andrade (O movimento modernista)". Situa em seguida a obra de Gilberto Freyre, "uma das coisas decisivas do pensamento brasileiro".

3. Volume consultado em cópia datilografada, gentileza do editor Arquimedes de Melo Neto. Arquimedes, mais que amigo, compadre de Otávio, fora o editor de seu *Ensaio do nosso tempo*, segundo livro, em 1943, e do Pavlov, 1966. Lançou também livros de Gilberto Freyre e Mário de Andrade. Arquimedes é quem convida Mário para fazer a célebre palestra sobre o Modernismo. Chega a ser proibida. A palavra movimento, nos contará, é considerada perigosa pela polícia política de Felinto Müller. Carlos Drummond de Andrade, então Chefe de Gabinete do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, consegue que Mário de Andrade fale — para público reduzido — no Palácio Itamaraty (então sede do Ministério das Relações Exteriores, lembrarão todos, no Rio de Janeiro). Nem estudantes nem operários, pessoas ligadas a movimentos temidos pela ditadura de Getúlio, entre os presentes. Ver: MELO NETO, Arquimedes de. (Assina A.M.N.) Livraria-Editora da C.E.B. Rumo, Revista de Cultura. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil (C.E.B.), 1969. p. 26-29. (Número especial comemorativo do 40.º aniversário da Casa do Estudante do Brasil. Editor, Edilberto Coutinho. Contém textos de Aguinaldo Silva, Gilberto Freyre, Pascoal Carlos Magno, Marcos Carneiro de Mendonça, Rubem Fonseca, Maria Luísa Bittencourt, Anna Amélia, Carlos Pena Filho, Mauro Mota, Aureo Nonato, Mário Barata e Austregésilo de Athayde.)

4. A rigor, o único inédito do volume confiado ao editor Arquimedes de Melo Neto é o texto de Antônio Cândido intitulado simplesmente de "Prefácio". Os oito textos de Otávio são a seguir referidos, com indicação bibliográfica, inclusive publicações em livros: 1) "Histórico e causas da prostituição", introdução ao livro *A prostituição é necessária?* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. p. 1-44.); 2) "Psiquiatria e anti-psiquiatria". (Jornal Brasileiro de Psiquiatria, jul./dez. 1971.); 3) "Aspectos éticos da psicoterapia". (Rio de Janeiro, Anais do III

Congresso Brasileiro de Psiquiatria, 1974); 4) "Aproximações com a estética do conto". (Textos revistos de publicações na imprensa do Recife: Folha da Manhã, 28 abr. 1954, e Diário da Noite, 5 e 12 maio 1954.); 5) "Um livro sobre amor maldito" (prefácio à antologia *Histórias do amor maldito, seleção de Gasparino Damata*. Rio de Janeiro, Record Editora, 1967. Contém textos de 35 autores, entre os quais Mário de Andrade, o conto "Frederico Paciência", e Gilberto Freyre, trecho do livro *Dona Sinhá e o filho padre sob o título "Zé Maria"*.) 6) "Marxismo e psicanálise". (Revista Tempo Brasileiro. Editor, Franco Portella. Rio de Janeiro, 1968. N. 21/22.); 7) "Cibernética e atividade integradora do cérebro: Sechenov e Pavlov". (Ver: FREITAS JÚNIOR, Otávio de. Pavlov. Prefácio de Maria Luísa Bittencourt. São Paulo, Arquimedes Edições, 1966.); 8) "Breve nota sobre compreender e explicar posições antagônicas em Psicologia". (Abertura de palestras na Casa do Estudante do Brasil, sob o título *Temas de Psicologia Social, feitas a convite de Edilberto Coutinho, então diretor da Escola Livre de Estudos Superiores daquela instituição*. Rio de Janeiro, 1969. Registro em Rumo no referido número especial de aniversário da C.E.B. Retoma Otávio, atualizando-o, parte de seu Curso de Psicologia Social: problemas e perspectivas. Publicação do autor. Recife, 1955.)

5. MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*, 1946. v. IV. 2. ed. São Paulo, Martins Editora/Universidade de São Paulo, 1981. p. 91. Antônio Cândido (de Melo e Sousa), nasceu no Rio em 18 de julho de 1918. Dois anos antes de Otávio, portanto. Estreou em livro (dois títulos) em 1945: o ensaio sobre *Silvio Romero e Brigada ligeira*. Tivéramos Cândido, no depoimento a Mário Neme (em *Plataforma*, Nota 1 destas notas e referências bibliográficas), admitindo ser "fora de dúvida que a minha geração é uma geração crítica". E, crítico assumido, nos diz, Otávio de Freitas Júnior (no mesmo *Plataforma*): "A nova geração já não precisa ser contra, destruir, para iniciar o seu trabalho. Os caminhos foram abertos pelas gerações anteriores, pelos grandes intelectuais que ainda estão em plena pujança criadora, pelos novos do período de 1922 a 1935. Manter este espírito de liberdade de pesquisa estética, de atualização intelectual — embora sem preocupação da novidade nem do modernismo — e de integração da consciência criadora ao meio, deve ser o ideal da nova geração de 1940".

Depois, sabemos, surgiria o grande alarde em torno a uma chamada Geração de 45, na qual João Cabral de Melo Neto não

gosta de “ser indigitado” (sic). E Eduardo Portella contesta, enfático: “Em 1945 surgiu um movimento bastante contraditório, que se chama, com muita imprecisão, de geração de 45... Talvez, se nós isolarmos João Cabral de Melo Neto, o que se fez, na verdade, foi uma subliteratura”. (Entrevista a Bruno Torres Paraíso. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 jul. 1971. il.) Vinte anos passados da data de certidão no Cartório de Registros Intelectuais, o acadêmico Lêdo Ivo contara como nasceu a discutida família literária. Ver: “A história da Geração de 45”, em *Manchete*, Rio de Janeiro, 5 jun. 1965. p. 34. Sob o título “Os que tinham vinte anos, vinte anos depois”. E enumera: “No Recife éramos Willy Lewin, Vicente do Rego Monteiro, João Cabral de Melo Neto, Breno Acióli, Otávio de Freitas Júnior, Gastão de Holanda, Antônio Rangel Bandeira e tantos outros...” Em introdução ao nosso *Presença poética do Recife* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1983), sob o título “Poesia faz uma cidade, uma cidade faz poesia”, várias vezes nos referimos ao grupo de intelectuais surgidos no Recife nos anos 1940, entre os quais — além de Lêdo Ivo, João Cabral e outros lembrados na entrevista à *Manchete* acima referida — Deolindo Tavares, Edson Nery da Fonseca e Odilon Ribeiro Coutinho. Citados ainda Mauro Mota e Carlos Pena Filho, poetas que, embora somente venham a estreiar em 1952, seriam incluídos por Milton de Godoy Campos em sua *Antologia poética da Geração de 45* (São Paulo, Clube da Poesia, 1966). Pena Filho chama à Geração de 45 de inexistente. (O livro de Carlos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.)

6. *Pai também médico e também autor.* Ver: FREITAS, Octavio de. *Minhas memórias de médico.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940. O dr. Octavio foi o fundador da Faculdade de Medicina de Pernambuco e o homem que primeiro possuiu um automóvel no Recife: “Em 1903, o carro do dr. Octavio de Freitas passava triunfante, singular, inédito, estupendo. Os carros de cavalo ficavam enfiados de rodar ao lado dele”, evoca Mário Sette em seu *Maxambombas e Maracatus* (Rio de Janeiro, LECEB — Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil — 1958. 3. ed. il.).

7. *Quando o conheci, nos anos 1950, Otávio era completamente surdo do ouvido direito. Virava “o lado bom”, o esquerdo, quando se interessava pela conversa. Caso contrário, dedicava ao interlocutor o “lado ruim”. Ficava concordando com acenos de cabeça como se ouvisse, ria, limpava os óculos, sorvia seu chope no Bar Savoy do Recife ou no Vermelhinho do Rio*

de Janeiro, e deixava que "os cacetes falassem, pois querem mesmo é falar, pouco importa se a gente escuta", justificava.

8. FREITAS JÚNIOR, Otávio de. Ensaio do nosso tempo. Prefácio de Mário de Andrade. Rio de Janeiro, LECEB, 1943.

Deolindo Tavares (Recife, PE 1918 — Rio de Janeiro, RJ 1942), a quem Otávio liricamente evoca, terá os poemas reunidos por Arquimedes de Melo Neto. Ver: TAVARES, Deolindo. Poemas; seleção de Gilberto Freyre, Manuel Bandeira e Murilo Mendes. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, LECEB, 1949. (Em 1955 haverá uma segunda edição crítica organizada por Fausto Cunha.)

Gilberto Freyre fala da inadequação do poeta ao ambiente de "homens práticos" (sic), seus colegas de Faculdade: "Para Deolindo, uma tortura. Para os demais estudantes de Direito deveria ter sido uma festa: um poeta autêntico entre eles. Mas para alguns não foi festa senão de sábado de Aleluia. Insultaram e vaiaram o maior poeta adolescente de sua geração como se fosse o Judas..." No entanto, acentua Gilberto, "os espartanos que gracejavam de seu lirismo teriam acrescentado novas zonas de fraternidade ao seu sentido estreito de vida se tivessem conhecido melhor Deolindo".

9. Sic: se. Adotamos nas transcrições dos textos de Mário de Andrade a pontuação e a grafia características dele. Ver: ANDRADE, Mário de. Cartas a um jovem escritor: destinatário, Fernando Sabino. Rio de Janeiro, Record, 1981. Passim.

10. É este prefácio o segundo texto que Mário de Andrade dedica ao jovem amigo do Recife. Seu "Otávio e poesia", datado de 8-I-1942, pode ser relido em O empalhador de passarinho (São Paulo, Martins, 1972. 3. ed. p. 285-289).

11. Cartas de Georges Duhamel e André Gide, além de toda a cartaria de Mário de Andrade e dezenas de cadernos de um Diário estarão na montanha de papéis em que a filha de Otávio, Lúcia Helena de Freitas, ateia fogo em 1964. Temerosa de que o pai possuísse entre os guardados "documentos perigosos" (sic), Lulu — assim era chamada carinhosamente por Otávio — "sem tempo de examinar cada papel", optou pela fogueira acesa na casa do Recife. Em verdade pouco depois assaltada pela polícia. ("Literalmente: levaram jóias, prataria, tudo que consideraram de valor, nenhum papel", contará Lúcia Helena.)

Em 1959 — na qualidade de presidente da Sociedade dos Amigos de Cuba — Otávio ciceroneara a senhora Célia Guevara, mãe do Che, no ano seguinte recebera Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, vindos de Havana, no Recife. Esses fatos constituíram para a polícia pernambucana fortes agravantes. Otávio de Freitas Júnior se refugiou no Rio, onde recebeu o apoio de figuras como Antônio Bulhões de Carvalho (que lhe cede apartamento da Praia do Flamengo 116, onde depois iriam residir ao se casarem os poetas Marly de Oliveira e João Cabral de Melo Neto), Deolindo Couto (que lhe possibilita voltar à clínica médica) e Arquimedes de Melo Neto (que editaria seu Pavlov), entre outros. As filhas Lulu e Teteco (Teresa Cristina) viveriam com o pai o exílio carioca, enquanto a menor, Cucuruca (Maria Carolina), morando com uma tia em Santos, somente visitava o pai e as irmãs. A primogênita, Teresa, organizou um Curriculum Vitae de Otávio de Freitas Júnior, em 1976 (que nos foi dado consultar) e seria também a guardiã do Diário do pai mantido de 1964 a 1981. Nenhuma das filhas toma conhecimento do projeto de Otávio (ver nossa Nota 3) visando à publicação de novo livro — título possível, Medicina e vida — confiado a Arquimedes de Melo Neto.

12. *AMADO, Jorge. Navegação de cabotagem; apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro, Record, 1992. p. 46.*

13. *CÂNDIDO, Antônio. Recortes. São Paulo Companhia das Letras, 1993. É o mesmo Gilberto que sobressai em tese multivisão, primeira em nível de Doutorado na Universidade brasileira sobre o autor de Casa-Grande & Senzala como escritor literário. Ver: COUTINHO, Edilberto. A imaginação do real; uma leitura da ficção de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.*

14. *Ver o Como e porque sou e não sou sociólogo, de Gilberto Freyre (Editora Universidade de Brasília, 1968). E também, sobre o didatismo assinalado, "Gilberto Freyre, mestre e criador em Sociologia", de Anísio Teixeira (na coletânea que tem apresentação de Gilberto Amado, Gilberto Freyre, sua ciência, sua filosofia, sua arte. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. p. 488-495).*

15. *FONSECA, Edson Nery da. Prefácios desgarrados; organização do texto, apresentação e notas aos 147 prefácios feitos por Gilberto Freyre entre 1927 e 1976.*

16. FREYRE, Gilberto. Atualidade de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro, LECEB, 1943. Cf —. et alii. Temas brasileiros. Apresentação de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, LECEB, 1968. Reúne palestras na Casa do Estudante do Brasil (1940-47), feitas por Gilberto Freyre, Mário de Andrade ("O movimento modernista"), Vianna Moog, José Lins do Rego, Arthur Ramos, Fernando de Azevedo, Roy Nash e Anna Amelia (de Queirós Carneiro de Mendonça, fundadora da C.E.B. em 1929 e sua presidente até o falecimento, em 1971).

17. Apud FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: —. Vida, forma e cor. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. p. 33-47.

18. Temos mais de uma vez situado — cremos, com justiça — Mário de Andrade e Gilberto Freyre como as duas grandes figuras que polarizam o pensamento brasileiro a partir dos anos 1920. Ver nosso "Andrade e Freyre", bloco de texto em: COUTINHO, Edilberto. Casa-Grande & Senzala, um monumento revisitado: quatro notas breves para uma aproximação com a obra de Gilberto Freyre. Revista Brasileira de Língua e Literatura, 9: 56-58, 1981. (Publicação da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, do Rio de Janeiro. Diretor, Leodegário A. de Azevedo Filho.)

19. Prefácio ao Ensaios de crítica de poesia, transcrito em Vida, forma e cor, títulos já referidos nestas Notas. Ver também: FREYRE, Gilberto. O mundo que o português criou. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940, p. 88.